



Contas em frangalhos são herança maldita de Lula

Síntese: *A farra de gastos que marca o governo Lula já começa a cobrar seu preço. Os resultados fiscais deste início de ano representam uma sucessão de recordes negativos, pela combinação de despesas em ascensão e receitas em queda, já sob o efeito da recessão econômica. O dinheiro tomado do contribuinte está sendo usado para fazer frente aos vultosos aumentos salariais concedidos a todo o funcionalismo federal em 2008, cujo impacto nas contas públicas deverá ultrapassar R\$ 21 bilhões este ano. O descontrole é tanto que, em fevereiro, o total arrecadado pelo governo central não foi suficiente sequer para cobrir os gastos correntes; foi primeiro déficit nominal para este mês do ano desde 1997. Não fosse a redução das taxas de juros, a situação poderia estar bem pior.*

O governo Lula vai, pouco a pouco, dia após dia, erodindo a herança benigna que lhe foi legada pela gestão tucana. Foram mais de seis anos se beneficiando de avanços alcançados no passado, ancorados no tripé constituído por responsabilidade nas contas públicas, inflação sob controle e sistema de câmbio flexível. A julgar pelos resultados fiscais recentes, a fonte parece estar secando.

Era questão de tempo o desarranjo nas contas do governo cobrar seu preço. Não é de agora que as despesas públicas federais crescem em ritmo muito acima do das receitas, afrontando um princípio básico válido em qualquer casa ou botequim: só se deve gastar aquilo que se tem. O governo do PT prefere querer revogar as mais elementares regras contábeis. Não funciona. Quem perde é o país, já que a deterioração fiscal pode acarretar necessidade de pagamento de juros maiores por parte do governo para conseguir rolar sua trilionária dívida junto a credores.

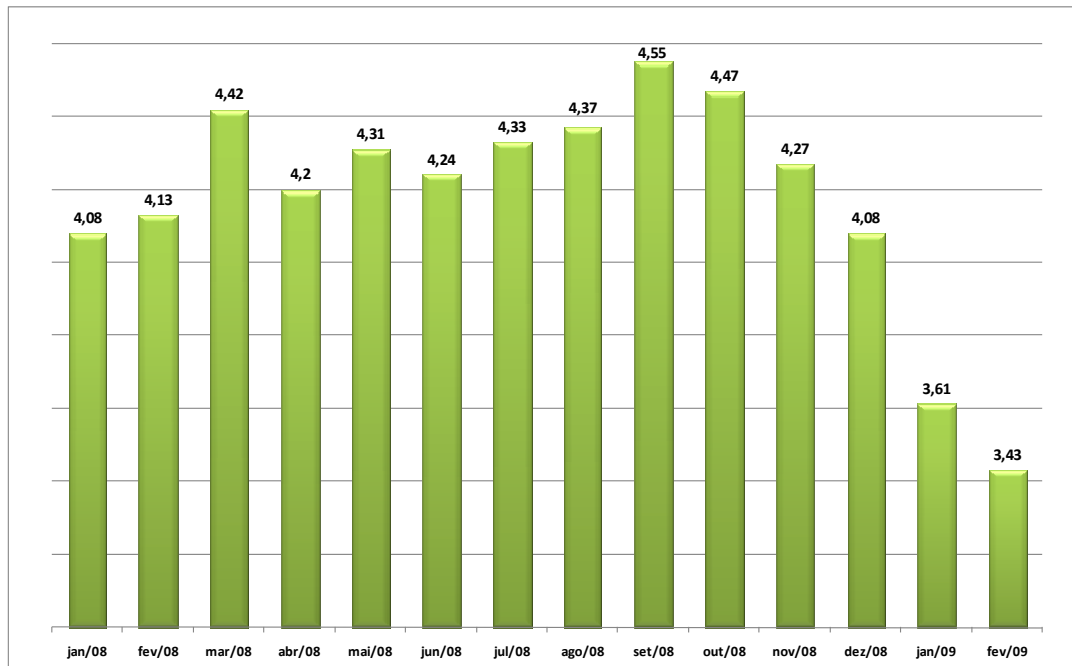
Os números referentes ao primeiro bimestre assustam pela sua magnitude, mas não surpreendem, dada a incúria com que o PT vem (des)cuidando das contas do país. Foi uma sucessão de recordes negativos. A economia feita pelo setor público caiu de R\$ 27,6 bilhões nos dois primeiros meses do ano passado para R\$ 9,3 bilhões agora, o que equivale a 3,43% do PIB no acumulado em 12 meses. É a menor média desde agosto de 2002. O governo diz que está gastando mais para se contrapor à recessão, mas isso é apenas o que ele gostaria que fosse verdade. A realidade é bem diferente.

Crônica de um desastre anunciado

O resultado de agora é fruto de medidas adotadas ao longo dos últimos anos, cujos efeitos no porvir do país foram solenemente ignorados pelo governo Lula. É o caso dos seguidos e vultosos aumentos salariais concedidos ao funcionalismo público. A despesa com pessoal subiu mais de 25% no primeiro bimestre de ano em comparação com igual período de 2008. Seria ótimo poder pagar melhor os funcionários, desde que isso não representasse impor sacrifícios a todo o resto da sociedade: o funcionalismo já consome 6% do PIB.

No segundo semestre do ano passado, já com a crise varrendo o mundo e o sinal amarelo piscando, o governo petista aprovou no Congresso projetos que resultaram em gastos crescentes com a folha de pagamento. Na ocasião foi feita revisão salarial de 1,4 milhão de servidores – ou seja, todo o contingente federal – e autorizada a contratação de mais de 3 mil pessoas. A medida irá gerar rombos ascendentes no orçamento público, até atingir o montante de R\$ 32 bilhões no ano de 2012, distante, portanto, do horizonte imediatista de Lula. Para este ano, a previsão é de impacto adicional de R\$ 21,4 bilhões.

Evolução do superávit primário* (em % do PIB)



*Em 12 meses. Fonte: Banco Central do Brasil

O que o governo petista não viu ou não quis ver é que havia uma brutal recessão a caminho e que, num período curtíssimo, o cobertor das receitas ficaria curto demais para tapar a espiral ascendente das despesas. Desdenhou a prudência da formiga e comportou-se como a cigarra da fábula de La Fontaine. E vive agora, já neste início de ano, as consequências. Enquanto os gastos subiram quase 20% na comparação com igual período de 2008, a arrecadação caiu 4%. Faltou dinheiro a ponto de o governo central – formado por Tesouro Nacional, Previdência Social e Banco Central – ter tido um déficit primário de quase R\$ 1 bilhão, algo inédito para meses de fevereiro nos últimos 12 anos.

Isso significa que o dinheiro arrecadado não deu sequer para cobrir as despesas do dia a dia, o que dirá o pagamento de juros. A impressão que fica é que o governo Lula está nos remetendo de volta a um quadro não muito distante no tempo, mas pré-histórico em termos da evolução do arcabouço institucional brasileiro. Nele, os gastos públicos não encontravam limites e a conta dos descalabros acabava sendo repartida para toda a sociedade. Responsabilidade fiscal equivale a evitar isso.

Aumento de gastos ignora investimentos

O dinheiro que é destinado a pagar salários e cobrir as despesas do dia-a-dia poderia estar sendo empregado na construção de mais hospitais, estradas mais seguras e escolas de melhor qualidade. Agir nesta direção ajudaria a deter a escalada da crise e a atenuar o dramático quadro de desemprego que se espalha pelo país – é o que os economistas costumam chamar de “políticas anticíclicas”. O governo petista gosta de alardear que é isso o que está fazendo, mas não passa de vontade. Na realidade, quase nada está sendo investido, do que o PAC é a maior prova.

De todos os fatores que impactaram a conta de gastos do governo neste início de ano, os investimentos foram de longe o de menor peso. No global, as despesas foram R\$ 14,2 bilhões maiores no bimestre e apenas parte ínfima disso deveu-se à expansão dos investimentos, que saíram de R\$ 2,4 bilhões para R\$ 2,7 bilhões entre um ano e outro. Todo o resto é creditado ao inchaço da folha de salários e ao reajuste do salário mínimo: despesas com pessoal e encargos cresceram R\$ 5,6 bilhões no bimestre ou quase vinte vezes mais que os investimentos.

A situação poderia ser ainda pior se os juros não tivessem começado a baixar, depois de meses de muita pressão da sociedade e de relutância por parte do Banco Central de Lula. Com taxas menores, o pagamento da dívida consumiu menos recursos e isso ajudou a amortecer o descontrole nos gastos correntes. Como a perspectiva é de que as receitas continuem a diminuir e as despesas não parem de crescer, o governo petista será obrigado a cortar mais a Selic. Agora até por uma questão de sobrevivência, sob pena de o país naufragar antes mesmo de Lula legar a seu sucessor esta verdadeira herança maldita.



"Brasil Real - Cartas de Conjuntura ITV" é uma publicação quinzenal do Instituto Teotônio Vilela.
Caso não queira voltar a recebê-la, clique [aqui](#).

Se preferir, basta responder este e-mail preenchendo o campo Assunto com a palavra "Cancelamento" e seu endereço será excluído de nossa lista.

INSTITUTO TEOTÔNIO VILELA

Instituto Teotônio Vilela . Senado Federal Anexo 1 - 17º andar - Sala 1707 . CEP 70165-900 . Brasília - DF . Tel.: (61) 3311-3986 / 3311-4338 / 3224-5282 / 3323-7990 . Fax: (61) 3311-3891 . e-mail: itv@itv.org.br . site: www.itv.org.br